

TRADUÇÃO

VERA¹

De Auguste de Villiers de L'Isle-Adam

Tradução de Oleg Almeida

União Brasileira de Escritores (UBE), Brasil

oleg_almeida@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1>

À senhora Condessa d'Osmoy,

A forma do corpo lhe é mais *essencial*
que a sua substância.
A Fisiologia moderna

O amor é mais forte que a Morte, disse Salomão: sim, seu misterioso poder é ilimitado.

Era ao cair de uma tarde outonal, nesses últimos anos, em Paris. As carruagens rumavam, já iluminadas, para o sombrio arrabalde Saint-Germain, atrasadas após a hora do Bosque². Uma delas parou diante do portão de uma grande mansão senhoril, rodeada de jardins seculares; seu arco era encimado por um escudo de pedra, com o brasão da antiga família dos condes d'Athol, isto é, *o campo safira com a estrela argêntea no abismo* e a divisa "Pallida Victrix", embaixo da coroa sobreposta ao arminho com a boina principesca. Os pesados batentes afastaram-se. Um homem de trinta a trinta e cinco anos, vestido de luto e mortalmente pálido, desceu da carruagem. Alguns taciturnos criados erguiam fachos na escadaria. Sem vê-los, ele transpôs os degraus e entrou. Era o conde d'Athol.

Cambaleando, ele subiu as escadas brancas que conduziam àquele quarto onde, na mesma manhã, ele deitara num ataúde forrado de veludo e recoberto de violetas, em ondas de cambraia, sua dama de volúpias, sua consorte empalidecida – Vera, seu desespero.

¹ De L'Isle-Adam, Auguste de Villiers. **Véra**. In : **Contes cruels**. Paris: Calmann Lévy, 1883, pp. 13-27.

² NDT: O autor alude aos frequentes passeios dos parisienses abastados no Bosque de Bolonha, muito populares na época descrita, e aos engarrafamentos de carruagens que os acompanhavam.



Lá em cima, a suave porta girou sobre o tapete; ele soergueu o reposteiro.

Todos os objetos estavam no mesmo lugar onde a condessa os deixara na véspera. A Morte havia fulminado de supetão. Na última noite, sua bem-amada se exaurira em gozos tão profundos, perdera-se em tão deleitosos abraços, que seu coração, exausto de delícias, desfalecera: uma púrpura letal umedecera-lhe de repente os lábios. Mal lhe restara tempo para dar ao seu esposo – sorrindo, sem uma palavra – um beijo de adeus; em seguida, seus longos cílios se abaixaram, iguais aos véus lutuosos, sobre a bela noite de seus olhos.

Passara-se o dia inominado.

Por volta do meio-dia, o conde d'Athol despedira no cemitério, após a tétrica cerimônia do jazigo familiar, o séquito negro. A seguir, confinando-se a sós com a sepultada entre quatro paredes de mármore, ele fechara atrás de si a porta férrea do mausoléu. O incenso ardia sobre um tripé, defronte ao ataúde; luminosa, uma coroa de lâmpadas, à cabeceira da jovem defunta, semeava-a de estrelas.

E ele, absorto, com o único sentimento de ternura sem esperança, permanecera ali, de pé, durante o dia todo. Pelas seis horas, ao crepúsculo, saíra do lugar sagrado. Encerrando o sepulcro, havia arrancado a chave de prata da fechadura e, do alto do último degrau do limiar, serenamente a lançara para dentro do túmulo. Jogara-a, sobre o lajeado interior, através do trifólio que encimava o pórtico. Por que o fizera?... Decerto por ter tomado alguma resolução misteriosa de não mais voltar.

E agora ele revia aquele quarto enviuvado.

A janela, sob as vastas cortinas de casimira malva bordada de ouro, estava aberta: um derradeiro raio da tarde iluminava, em sua moldura de velha madeira, o grande retrato da finada. O conde mirou, ao seu redor, o vestido jogado, na véspera, sobre uma poltrona e, em cima da lareira, as joias, o colar de pérolas, o leque semifechado, os pesados frascos de perfumes que *Ela* não respiraria mais. Sobre a cama de ébano, com colunas enroscadas, ainda em desordem, junto do travesseiro em que a marca da cabeça adorada e divina continuava visível no meio das rendas, ele avistou o lenço com respingos de sangue, lá onde a jovem alma dela batera um instante as asas; o piano aberto, sustentando uma melodia para sempre inacabada; as flores índicas, colhidas por ela na estufa, que definhavam em velhos



vasos saxões; e, ao pé da cama, sobre uma pele negra, as pantufinhas de veludo oriental com a divisa jocosa de Vera a brilhar, tecida de pérolas: *Quem vir Vera a amar*. Os pés nus da bem-amada brincavam ali na manhã anterior, beijados, a cada passo, pela penugem dos cisnes! E lá adiante, na sombra, a pêndula cuja mola ele quebrara para que não soasse mais outras horas.

Assim, ela partira!... Mas para *onde*?... Viver agora? Com que propósito?... Era impossível, absurdo.

E o conde se abismava em pensamentos abstrusos.

Cismava em toda a existência passada. Seis meses haviam transcorrido desde o casamento. Não fora no estrangeiro, no baile de uma embaixada, que ele a vira pela primeira vez?... Sim. Aquele instante ressuscitava, muito distinto, ante seus olhos. Ela aparecia ali, radiante. Naquela noite, seus olhares se cruzaram. E, no íntimo, eles assumiram sua similar natureza e seu dever de se amarem para sempre.

As conversas frustrantes, os sorrisos de quem observa, as insinuações – todas as dificuldades que o mundo suscita para retardar o inevitável júbilo daqueles que pertencem um ao outro esvaíram-se diante da tranquila certeza que eles tiveram, no mesmo instante, um do outro.

Cansada das cerimoniosas trivialidades de seu círculo, Vera se achegara a ele desde a primeira circunstância contrariante, simplificando assim, de modo augusto, aquelas banais atitudes em que se perde o precioso tempo da vida.

Oh, como as vãs estimativas dos indiferentes a seu respeito pareceram-lhes, desde as primeiras palavras, uma revoada de pássaros noturnos a retornar às trevas! Que sorriso eles trocaram! Que inefável amplexo!

No entanto, sua natureza era, em verdade, das mais estranhas! Eram dois seres dotados de sentidos maravilhosos, mas exclusivamente terrenos. As sensações se prolongavam neles com uma intensidade inquietante. Esqueciam-se então de si mesmos à força de vivenciá-las. Por outro lado, certas ideias, as da alma, por exemplo, do Infinito, *até mesmo de Deus*, estavam como que veladas à sua compreensão. A fé de um grande número de viventes nas coisas sobrenaturais era para eles tão só uma causa de vagos estranhamentos: segredo guardado a sete chaves com que eles não se preocupavam por não terem qualidade para condenar



ou absolver. Destarte, reconhecendo bem que o mundo lhes era alheio, eles se isolaram, uma vez casados, naquela velha e sombria mansão onde a espessura dos jardins amortecia os ruídos que vinham de fora.

Ali, os dois amantes se submergiram no oceano daqueles prazeres lânguidos e perversos em que o espírito se mistura à carne misteriosa! Esgotaram a violência dos desejos, as convulsões e as carícias alucinantes. Tornaram-se, um para o outro, o latejo do próprio ser. Em ambos, o espírito penetrava tão bem o corpo que suas formas lhes pareciam intelectuais, e que os beijos, malhas ardentes, encadeavam-nos numa fusão ideal. Longo deslumbre! Subitamente, o encanto se partira; o terrível acidente desunira-os; seus braços se desenlaçaram. Que sombra lhe arrebatara, a ele, sua querida morta? Morta, não! Será que a alma dos violoncelos é levada embora naquele grito de uma corda que se rompe?

Passaram-se algumas horas.

Através da janela, ele mirava a noite que avançava nos céus, e a Noite apresentava-se a ele *personificada*: parecia uma rainha a marchar, melancólica, para o exílio, e só a presilha diamantina de sua túnica lutuosa, Vênus, brilhava, acima das árvores, perdida nas profundezas do azur.

“É Vera” – pensou ele.

Àquele nome, pronunciado bem baixo, estremeceu como quem acordasse; depois, apumando-se, olhou ao seu redor.

Os objetos, no quarto, estavam agora alumiados por uma luz até então imprecisa, pela luz de uma lamparina que azulava as trevas, e que a noite, ascendida ao firmamento, fazia aparecer como uma estrela a mais. Tal lamparina a exalar odores de incenso era a de uma iconóstase³, relicário familiar de Vera. O tríptico de velha madeira preciosa estava suspenso, em seu cordão de esparto russo, entre o espelho e a pintura. Um reflexo de seu fundo de ouro caía, vacilante, sobre o colar, em meio às joias espalhadas em cima da lareira.

A plena auréola de Madona em trajés celestiais fulgia ruborizada pela cruz bizantina, cujos finos lineamentos vermelhos, fundidos nesse reflexo, assombrevam com certo matiz de sangue o brilho assim aceso das pérolas. Desde

³ NDT: Na prática cotidiana dos cristãos ortodoxos, um tríptico portátil coberto de imagens de santos e instalado no espaço mais visível de uma habitação.



criança, Vera se apiedava, com seus grandes olhos, daquele semblante maternal e tão puro da madona herdada e, só podendo – que pena! – consagrar-lhe, por sua índole, um amor *supersticioso*, oferecia-lho vez por outra, ingênua e pensativa, quando passava diante da lamparina.

Comovido por dolorosas lembranças até o cerne de sua alma, o conde se ergueu ao vê-la, assoprou rápido a luz santa e, às apalpadelas, estendendo no escuro a sua mão até o torçal da campainha, tocou.

Um criado apareceu: era um ancião vestido de negro; ele segurava uma lâmpada que colocou ante o retrato da condessa. Quando se voltou, foi com um frêmito de supersticioso pavor que viu seu amo de pé, sorrindo como se nada tivesse acontecido.

— Raymond – disse tranquilamente o conde –, *estamos mortos de cansaço, esta noite, a condessa e eu; você servirá o jantar pelas dez horas...* A propósito, resolvemos que nos isolaremos mais aqui, a partir de amanhã. Nenhum dos meus criados, exceto você, deve passar a noite na mansão. Você lhes entregará três anos de ordenado, e que eles se retirem. Depois trancará o portão e acenderá os fochos lá embaixo, na sala de jantar: você bastará para nós. Daqui em diante, não receberemos ninguém.

O ancião tremia e olhava atentamente para ele.

O conde acendeu um charuto e desceu aos jardins.

A princípio, o criado pensou que a dor por demais aguda, por demais desesperante, havia turvado o espírito de seu amo. Conhecia-o desde criança; compreendeu, no mesmo instante, que o choque de um despertar demasiado abrupto podia ser fatal para aquele sonâmbulo. Seu dever consistia, primeiro, em respeitar tal segredo.

Ele abaixou a cabeça. Uma cumplicidade devotada àquele sonho religioso? Obedecer?... Continuar a servi-*los* sem levar em conta a Morte? Que estranha ideia!... Duraria por uma noite?... Amanhã, amanhã, que pena!... Ah, quem sabia?... Talvez!... Projeto sagrado, no fim das contas! Com que direito ele cogitava ainda?...

O criado saiu do quarto, cumpriu as ordens ao pé da letra, e na mesma noite a insólita existência começou.

Tratava-se de criar uma terrível miragem.



O embaraço dos primeiros dias apagou-se depressa. Primeiro estupefato, depois movido por uma espécie de deferência e de ternura, Raymond se industriara tão bem em ser natural que não se passaram nem três semanas e ele mesmo já se sentia, por momentos, quase logrado pela sua boa vontade. As segundas intenções eclipsavam-se! Às vezes, tomado por uma espécie de vertigem, ele precisava dizer a si próprio que a condessa estava positivamente morta. Envolvia-se naquele jogo fúnebre e esquecia, a cada instante, a realidade. Logo necessitaria de mais de uma só reflexão para se recobrar e se convencer. Percebeu que acabaria por se abandonar totalmente àquele terrificante magnetismo de que o conde impregnava aos poucos a atmosfera que os circundava. Sentia medo: um medo indistinto, tênue.

D'Athol, com efeito, vivia na absoluta inconsciência da morte de sua bem-amada! Não podia deixar de achá-la sempre presente, tanto o vulto da jovem mulher estava amalgamado ao seu. Ora nos dias de sol, sentado num banco do jardim, lia em voz alta as poesias de que ela gostava; ora de noite, perto do fogo, com duas chávenas de chá sobre um velador, conversava com a *Ilusão* sorridente, sentada, aos olhos dele, noutra poltrona.

Desvaneceram-se dias e noites, semanas inteiras. Nem um nem outro sabiam o que estavam efetuando. E singulares fenômenos ocorriam agora, ficando difícil distinguir o ponto onde o imaginário e o real eram idênticos. Uma presença pairava no ar: um vulto se esforçava para transparecer, para se inserir no espaço que se tornara indefinível.

D'Athol vivia duplo, qual um iluminado. Um rosto meigo e pálido, entrevisto, como um clarão, entre duas piscadelas; um fraco acorde do piano, tocado de súbito; um beijo que lhe fechava a boca no momento em que ia falar, certas afinidades de pensamentos *femininos* que despontavam nele em resposta ao que ele dizia, um desdobramento de si mesmo, tal que sentia, como imerso numa fluida neblina, o perfume vertiginosamente doce de sua bem-amada ao seu lado, e à noite, entre a vigília e o sono, umas palavras que se entreouviam, baixinhas: tudo o advertia. Era uma negação da Morte elevada, enfim, a uma potência ignota!

Certa vez, d'Athol sentiu-a e viu-a tão bem ao seu lado que a tomou em seus braços; porém, esse movimento dissipou-a.



— Menina! – murmurou ele, sorrindo.

E voltou a adormecer como um mancebo de quem sua amante risonha e sonolenta fizera pouco caso.

No dia de *sua* festa colocou, brincando, uma perpétua⁴ no ramalhete que jogou sobre o travesseiro de Vera.

— Já que ela se acha morta – disse.

Graças à profunda e todo-poderosa vontade do senhor d’Athol, que forjava, à força de amor, a vida e a presença de sua mulher na solitária mansão, essa existência terminara por se revestir de um encanto sombrio e persuasivo. Ao habituar-se gradualmente a tais impressões, nem mesmo Raymond sentia mais espanto algum.

Um vestido de veludo negro, avistado na curva de uma alameda; uma voz ridente que o chamava no salão; um toque de campainha pela manhã, quando ele acordava, como dantes – tudo isso se tornara familiar para o conde: dir-se-ia que a finada brincava de invisível, como uma criança. Ela se sentia tão amada assim! Isso era bem *natural*.

Passara-se um ano.

Na noite do Aniversário o conde, sentado perto do fogo, no quarto de Vera, acabava de ler para ela um *fabliau*⁵ florentino: *Calímaco*. Fechou o livro; em seguida, servindo-se de chá:

— *Duchka*⁶ – ele disse –, lembras-te do Vale das Rosas, das margens do Lahn, do castelo das Quatro Torres?... Esta história os recordou para ti, não é mesmo?

Ele se levantou e, no espelho azulado, viu-se mais pálido que de ordinário. Pegou um bracelete de pérolas numa copa e olhou atentamente para as pérolas. Vera não as tirara de seu braço agora mesmo, antes de se despir? As pérolas estavam ainda tépidas, e seu brilho, suavizado como que pelo calor de sua carne. E a opala desse colar siberiano, que também amava o belo peito de Vera até

⁴ NDT: Consta do original um jogo de palavras (*immortelle/morte*, ou seja, *imortal/morta*, tendo-se em vista o nome da respectiva flor) que só pode ser traduzido para o português de modo aproximado.

⁵ NDT: Conto folclórico em versos, de conteúdo satírico ou moral, criado na Idade Média.

⁶ NDT: Palavra russa que significa, aproximadamente, “meu bem, meu amorzinho”.



empalidecer, morbidamente, em sua armação de ouro, quando a jovem mulher se esquecia dela por algum tempo! Era por isso que a condessa gostava outrora dessa fiel pedraria!... Naquela noite a opala brilhava como se acabasse de ser deixada e como se o delicioso magnetismo da bela finada ainda a penetrasse. Pondo o colar e a pedra preciosa em seu lugar, o conde roçou por acaso no lenço de cambraia, onde os respingos de sangue estavam úmidos e vermelhos como cravos sobre a neve!... E lá, em cima do piano, quem virara, pois, a página final da melodia de outrora? Será? A lamparina sagrada reacendera-se no relicário! Sim, sua chama dourada alumiaava misticamente o rosto, de olhos fechados, de Madona! E aquelas flores orientais, recentemente colhidas, que se desabrochavam ali, nos velhos vasos saxões – que mão acabava de colocá-las ali? O quarto parecia jovial e dotado de vida, de uma maneira mais significativa e mais intensa que de costume. Mas nada podia surpreender o conde! Aquilo lhe parecia tão normal que ele nem sequer se apercebeu de que aquela pêndula, parada havia um ano, badalava horas.

Entretanto, dir-se-ia que àquela noite a condessa Vera se empenhava adoravelmente para retornar do fundo das trevas àquele quarto todo impregnado dela. Abandonara lá tanto de sua pessoa! Tudo quanto constituíra lá sua existência atraía-a de volta. Seu encanto pairava ali; os longos e violentos esforços feitos pela vontade passional de seu esposo deviam ter descerrado os vagos laços do Invisível ao redor dela!...

Necessitava-se dela ali. Ali se encontrava tudo o que ela amava.

Ela devia ter vontade de vir sorrir, outra vez, a si mesma naquele espelho misterioso em que tantas vezes havia admirado seu lilial semblante! A doce morta decerto estremecera, lá no além, no meio das suas violetas, embaixo das lâmpadas apagadas; a divina morta fremira, lá no jazigo, sozinha, mirando a chave de prata jogada sobre o lajeado. Ela também queria voltar para ele! E sua vontade se perdia nas ideias do incenso e do isolamento. A Morte é uma circunstância definitiva tão só para quem esperar pelos céus, mas a Morte e os Céus e a Vida não eram, para ela, o amplexo conjugal? E o beijo solitário de seu esposo atraía, na sombra, os lábios dela. E o som passado das melodias, as ébrias palavras de antanho, os tecidos que cobriam seu corpo e guardavam-lhe o perfume, aquelas mágicas pedrarias que a *queriam* em sua obscura simpatia e, sobretudo, a imensa e absoluta



impressão de sua presença, opinião partilhada afinal pelas próprias coisas – tudo clamava por ela ali, tudo a atraía ali havia tanto tempo e tão insensivelmente que, enfim curada da dormente Morte, *só Ela* mesma faltava naquele quarto!

Ah, as Ideias são seres vivos!... O conde escavara no ar a forma de seu amor, e tanto se precisava que esse vazio fosse preenchido pela única criatura que lhe era homogênea, senão o Universo desabaria. Definitiva, simples, absoluta, a impressão surgiu, naquele momento, de que *Ela devia estar ali, no quarto!* E ele estava tão tranquilamente seguro disso quanto de sua própria existência, e todas as coisas ao seu redor estavam saturadas dessa convicção. Era como se a vissem ali! E, *como faltava apenas Vera, ela mesma*, tangível, externada, *precisava-se tanto que ela se encontrasse lá* e que o grande Sonho da Vida e da Morte entreabrisse, por um momento, suas portas infinitas! A fé lhe mostrava, a ela, o caminho da ressurreição! Um fresco estouro de riso musical alumiou, com sua alegria, o leito nupcial; o conde se voltou. E lá, diante dos seus olhos, feita de vontade e de lembrança, fincando, fluida, seu cotovelo no travesseiro de rendas... a sua mão sustentando seus pesados cabelos negros, a sua boca deliciosamente entreaberta num sorriso todo paradisíaco de volúpias... enfim, linda de morrer, a condessa Vera olhava, ainda um pouco adormecida, para ele.

— Roger!... – disse, com uma voz longínqua. O conde se achegou a ela. Seus lábios se uniram num gozo divino... propício ao olvido... e imortal!

E eles notaram, *então*, que eram, de fato, *um único ser*.

As horas afloraram, em seu voo alienado, aquele êxtase em que se mesclavam, pela primeira vez, a terra e o céu.

De chofre, o conde d'Athol estremeceu, como que atingido por uma reminiscência fatal.

— Ah! Agora me lembro!... – disse. – O que é que tenho? Mas tu estás morta!

No mesmo instante, dita essa palavra, a mística lamparina da iconóstase apagou-se. A tênue luz pálida da manhã – de uma manhã banal, acinzentada e chuvosa – insinuou-se no quarto pelos interstícios das cortinas. As velas livideceram e extinguíram-se, deixando suas mechas vermelhas soltarem uma acre fumaça; o fogo desapareceu sob uma camada de cinzas tépidas; as flores ficaram murchas e ressequidas em poucos instantes; o balanceiro da pêndula retornou



gradualmente à sua imobilidade. A *certeza* de todos os objetos esvaiu-se subitamente. A opala, morta, não brilhava mais; as manchas de sangue também se secaram, sobre a cambraia, ao lado dela; e, eclipsando-se entre os braços desesperados que queriam em vão abraçá-la ainda, a ardente visão branca mergulhou no ar e perdeu-se nele. Um fraco suspiro de adeus, distinto, distante, alcançou a alma de Roger. O conde se ergueu: acabava de perceber que estava sozinho. Seu sonho acabava de se dissolver num átimo; ele havia rompido o magnético fio de seu radioso enredo com uma só palavra. Agora sim, a atmosfera era a dos defuntos.

Como aquelas lágrimas de vidro, illogicamente agregadas e, no entanto, tão sólidas que uma martelada sobre a sua parte grossa não as quebraria, mas que se desfazem, de súbito, numa impalpável poeira quando se esfacela a sua extremidade, mais fina que a ponta de uma agulha, tudo se evaporara.

— Oh! – murmurou ele. – Então acabou! Perdida!... Sozinha! Qual é agora o meio de te alcançar? Indica-me o caminho que possa levar-me a ti!...

De chofre, como uma resposta, um objeto brilhante caiu do leito nupcial sobre a pele negra, com um ruído metálico: um raio do tétrico amanhecer terreno alumiou-o!... O abandonado se abaixou, pegou-o, e um sorriso sublime iluminou seu rosto, reconhecendo ele o tal objeto. Era a chave da sepultura.

PROJET DE TRADUCTION

Un conte de fées pour adultes

De même que Rimbaud et Laforgue, Rollinat et Verlaine sont appelés d'ordinaire « les poètes maudits », ainsi Auguste de Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889) figure au nombre de ces auteurs toujours sous-estimés, qu'ils s'expriment en prose ou en vers, dont le titre d'« écrivains maudits » par excellence est hautement mérité. Quoiqu'issu d'une famille aristocratique, il passa toute sa vie en proie aux plus âpres misères, lesquelles marquèrent ses œuvres du sceau ineffaçable d'une douloureuse ironie, et mourut sur un grabat semblable à celui du malheureux père Goriot. Atteint, comme il l'est depuis que le monde est monde, d'une sévère myopie spirituelle, le public lui témoigna, de son vivant, si peu d'intérêt qu'on ne peut



s'empêcher de s'en indigner aujourd'hui, respirant l'odeur de l'encens qu'il brûla autant à Maupassant qu'à plusieurs contemporains moins illustres de Villiers. Il n'y eut, en effet, qu'une poignée de gens cultivés qui surent apprécier son énorme talent littéraire, l'un d'eux, nommé Stéphane Mallarmé, se disant franchement admirateur de ce « prince intellectuel » (MALLARMÉ, 1897, p. 72) et l'autre, Anatole France, le considérant comme « un prosateur magnifique, plein d'harmonie et d'éclat » (LAROUSSE, 1890, p. 1988).

Le récit *Véra*, peut-être le plus connu de ses *Contes cruels*, que je me suis aventuré à traduire en portugais, tend à caractériser en détail la conception esthétique de Villiers. Tantôt établissant de subtils parallèles avec les petits poèmes en prose de Charles Baudelaire et les histoires fantastiques d'Edgar Poe, qui en ont évidemment influencé les procédés narratifs, tantôt anticipant, toute proportion gardée, l'onirisme ambigu des surréalistes à venir, cet écrivain en avance sur son temps parvient à capter notre attention dès la première phrase de son texte, chargée d'un grave sens métaphysique, et nous conduit, à travers le dédale de ses fantaisies alléchantes et morbides, vers un dénouement plus logique encore qu'il n'est surprenant. Cela vaut donc la peine de lire ce conte de fées pour adultes, où l'imaginaire et le réel s'entremêlent de manière qu'on n'arrive plus à les distinguer l'un de l'autre, où le tangible se fait chimérique et le sublime se revêt d'une triste banalité. « L'amour est fort comme la mort... », cette célèbre maxime biblique, attribuée au roi Salomon (Cantique des Cantiques, 8:6), en illumine chaque page de sa fulguration éternelle.

En ce qui concerne la méthodologie sur laquelle est basée la version portugaise du récit, j'oserais la désigner par le nom de « technologiquement précise » à l'instar de celle qu'Evguêni Lann, Gustav Schpet et quelques autres traducteurs d'expression russe avaient mise au point dans les années 1930, et que l'école soviétique de traduction littéraire frapperait plus tard d'ostracisme (МАРКИШ, 2004). Compte tenu des similitudes lexico-grammaticales existantes entre le français et le portugais, dont le texte original de Villiers pourrait fournir beaucoup d'exemples probants, et des qualités intrinsèques de ce texte, si universel quant à son contenu et si soigné sous son aspect formel qu'aucun artifice philologique ne serait nécessaire pour le reproduire, avec toute la fidélité possible,



dans n'importe quelle langue étrangère, j'ai décidé de suivre, même au risque de m'exposer aux critiques de qui met en doute la valeur de la traduction mot-à-mot comme telle, les principes résumés et exemplifiés ci-après.

Tableau I : Les principes appliqués à la traduction du récit *Véra*.

Description du principe appliqué	Texte original	Version portugaise
1. Ne pas modifier l'ordre des mots et des phrases déterminé par l'auteur, à moins que les normes grammaticales et stylistiques, adoptées aussi bien au Brésil qu'au Portugal, exigent qu'il soit modifié.	<i>L'amour est plus fort que la Mort, a dit Salomon : oui, son mystérieux pouvoir est illimité. Un serviteur parut : c'était un vieillard vêtu de noir ; il tenait une lampe, qu'il posa devant le portrait de la comtesse. Lorsqu'il se retourna, ce fut avec un frisson de superstitieuse terreur qu'il vit son maître debout et souriant comme si rien ne se fût passé.</i>	<i>O amor é mais forte que a Morte, disse Salomão: sim, seu misterioso poder é ilimitado. Um criado apareceu: era um ancião vestido de negro; ele segurava uma lâmpada que colocou ante o retrato da condessa. Quando se voltou, foi com um frêmito de supersticioso pavor que viu seu amo de pé, sorrindo como se nada tivesse acontecido.</i> (On observe, dans les deux cas, une parfaite adéquation entre la version portugaise et le texte original.)
2. Opter pour les formes verbales employées par l'auteur, excepté quand l'emploi des formes différentes contribue à améliorer la version portugaise sans altérer, cependant, le sens ni la prosodie du texte original.	<i>Six mois s'étaient écoulés depuis ce mariage. N'était-ce pas à l'étranger, au bal d'une ambassade qu'il l'avait vue pour la première fois?... Oui. Cet instant ressuscitait devant ses yeux, très distinct. Elle lui apparaissait là, radieuse. Ce soir-là, leurs regards s'étaient rencontrés. Ils s'étaient reconnus, intimement, de pareille nature, et devant s'aimer à jamais.</i>	<i>Seis meses haviam transcorrido desde o casamento. Não fora no estrangeiro, no baile de uma embaixada, que ele a vira pela primeira vez?... Sim. Aquele instante ressuscitava, muito distinto, ante seus olhos. Ela aparecia ali, radiante. Àquela noite, seus olhares se cruzaram. E, no íntimo, eles assumiram sua similar natureza e seu dever de se amarem para sempre.</i> (Dans la 2 ^e phrase de l'extrait, le verbe « ser » est au « pretérito mais-que-perfeito simples » puisqu'il s'agit d'un fait accompli, appartenant à un passé révolu, d'un moment dont le personnage se souvient sans pouvoir le revivre.)
3. Rechercher les vocables portugais strictement équivalents aux termes français qu'ils représentent et en faire un usage intensif, ayant recours, en général, à tous les moyens disponibles pour mettre la version portugaise en conformité	<i>Quel ineffable embrassement ! Elle devait avoir envie de venir se sourire encore en cette glace mystérieuse où elle avait tant de fois admiré son lillial visage !</i> <i>Les bougies blêmirent et s'éteignirent, laissant fumer âcrement leurs mèches rouges...</i>	<i>Que inefável amplexo! Ela devia ter vontade de vir sorrir, outra vez, a si mesma naquele espelho misterioso em que tantas vezes havia admirado seu lillial semblante!</i> <i>As velas livideceram e extinguiram-se, deixando suas mechas vermelhas soltarem</i>



satisfaisante avec le texte original.		<p><i>uma acre fumaça...</i> (Le substantif « amplexo », l'adjectif « liliat », le verbe « lividecer », tout à fait analogues aux mots français « embrassement », « liliat », « blêmir » et, en même temps, moins triviaux que les termes « abraço », « branco/alvo », « empalidecer », permettent de souligner une espèce de raffinement aristocratique propre au style de Villiers.)</p>
---------------------------------------	--	--

Certes, il n'y a pas de règle sans exception. Aussi les modifications que j'ai apportées à la version portugaise du récit sont-elles peu nombreuses et destinées, d'une part, à la rendre plus souple, plus dynamique, plus facile à lire et, de l'autre, à préserver la beauté poétique de cette œuvre aux yeux de ses futurs lecteurs lusophones pour qu'ils puissent la juger, sinon avec le même plaisir que j'ai pris, moi, à la traduire, tout au moins avec un grain d'indulgence.

Tableau II : Les modifications typiques apportées à la version portugaise du récit *Véra*.

Texte original	Version portugaise
<p><i>Il regardait, par la croisée, la nuit qui s'avavançait dans les cieux : et la Nuit lui apparaissait personnelle ; — elle lui semblait une reine marchant, avec mélancolie, dans l'exil, et l'agrafe de diamant de sa tunique de deuil, Vénus, seule, brillait, au-dessus des arbres, perdue au fond de l'azur.</i></p>	<p><i>Através da janela, ele mirava a noite que avançava nos céus, e a Noite apresentava-se a ele personificada: parecia uma rainha a marchar, melancólica, para o exílio, e só a presilha diamantina de sua túnica lutuosa, Vênus, brilhava, acima das árvores, perdida nas profundezas do azur.</i> (Une fois transposé, avec de légères variations, en portugais, l'extrait s'adapte naturellement aux conventions de la langue d'accueil, tout en acquérant, sans perdre son expressivité spontanée, la fluidité qui aurait manqué à sa traduction littérale.)</p>

Une traduction est une copie fidèle. Peut-on croire qu'un tableau est la copie d'un autre tableau, si dans cette prétendue copie, il y a des attitudes, des draperies, une perspective, qui ne se trouvent point dans l'original, auquel elle ne ressemble que par le dessein général et dans quelques parties de l'ordonnance ? Ce sont assurément deux tableaux différents : on dira seulement qu'un des deux peintres a imité l'autre. (DELISLE, 2007, cit. 1454).

Cet énoncé aphoristique de Pierre Desfontaines, je devrais bien le placer en épigraphe à mon projet de traduction. Poursuivant l'idéal de la double exactitude,



dépeint dans mon essai sur les dilemmes de la traduction littéraire (ALMEIDA, 2013, pp. 19-20), j'ai tenté de traduire *ad litteram*, ou plutôt, de réécrire mot pour mot l'histoire fabuleuse de Villiers dans l'espoir de la faire comprendre, textuellement et émotionnellement, à quiconque la lirait en portugais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Oleg. O textual e o emocional na tradução literária. *O escritor: Jornal da União Brasileira de Escritores*, número 132, São Paulo, jun., 2013, 20 p.

DELISLE, Jean. **La Traduction en citations**. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2007, 396 p.

DE L'ISLE-ADAM, Auguste de Villiers. Véra. In : **Contes cruels**. Paris: Calmann Lévy, 1883, pp. 13-27.

LAROUSSE, Pierre. **Grand dictionnaire universel du XIXe siècle : français, historique, géographique, mythologique, bibliographique, littéraire, artistique, scientifique, etc.** Tome dix-septième. Deuxième supplément. Paris : Administration du Grand dictionnaire universel, 1890, 2024 p.

MALLARMÉ, Stéphane. Villiers de L'Isle-Adam. In : **Divagations**. Paris : Eugène Fasquelle, 1897, pp. 67-76.

МАРКИШ, Шимон. О переводе. *Иерусалимский журнал*, номер 18, 2004 (disponível em: <<http://www.antho.net/jr/18/markish.html>>, acesso em 20/12/2017).

Biografia do tradutor

Oleg Almeida nasceu na Bielorrússia em 1971 e está radicado no Brasil desde 2005. É poeta, ensaísta e tradutor multilíngue, sócio da União Brasileira de Escritores (UBE/São Paulo). Autor dos livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (2008; Prêmio Internacional Il Convivio de 2013), *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (2011; Prêmio Literário Bunkyo de 2012), *Antologia cosmopolita* (2013), *Desenhos a lápis* (2018) e de numerosas traduções do russo (*Diário do subsolo, O jogador, Crime e castigo, Memórias da Casa dos mortos e Humilhados e ofendidos* de Fiódor Dostoiévski; *Pequenas tragédias* de Alexandr Púchkin; *Canções alexandrinas* de Mikhail Kuzmin; *A morte de Ivan Ilitch e outras histórias* de Leon Tolstói, *Contos russos*, vv. I-III) e do francês (*O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa* de Charles Baudelaire; *Os cantos de Biltis* de Pierre Louÿs).



TRADUÇÃO

VÉRA

De Auguste de Villiers de L'Isle-Adam

À Madame la comtesse d'Osmoy.

La forme du corps lui est plus *essentielle*
que sa substance.
La Physiologie moderne.

L'amour est plus fort que la Mort, a dit Salomon : oui, son mystérieux pouvoir est illimité.

C'était à la tombée d'un soir d'automne, en ces dernières années, à Paris. Vers le sombre faubourg Saint-Germain, des voitures, allumées déjà, roulaient, attardées, après l'heure du Bois. L'une d'elles s'arrêta devant le portail d'un vaste hôtel seigneurial, entouré de jardins séculaires ; le cintre était surmonté de l'écusson de pierre, aux armes de l'antique famille des comtes d'Athol, savoir : *d'azur, à l'étoile abîmée d'argent*, avec la devise « Pallida Victrix », sous la couronne retroussée d'hermine au bonnet princier. Les lourds battants s'écartèrent. Un homme de trente à trente-cinq ans, en deuil, au visage mortellement pâle, descendit. Sur le perron, de taciturnes serviteurs élevaient des flambeaux. Sans les voir, il gravit les marches et entra. C'était le comte d'Athol.

Chancelant, il monta les blancs escaliers qui conduisaient à cette chambre où, le matin même, il avait couché dans un cercueil de velours et enveloppé de violettes, en des flots de batiste, sa dame de volupté, sa pâissante épouse, Véra, son désespoir.

En haut, la douce porte tourna sur le tapis ; il souleva la tenture.

Tous les objets étaient à la place où la comtesse les avait laissés la veille. La Mort, subite, avait foudroyé. La nuit dernière, sa bien-aimée s'était évanouie en des joies si profondes, s'était perdue en de si exquises étreintes, que son cœur, brisé de délices, avait défailli : ses lèvres s'étaient brusquement mouillées d'une pourpre mortelle. À peine avait-elle eu le temps de donner à son époux un baiser d'adieu, en souriant, sans une parole : puis ses longs cils, comme des voiles de deuil, s'étaient abaissés sur la belle nuit de ses yeux.



La journée sans nom était passée.

Vers midi, le comte d'Athol, après l'affreuse cérémonie du caveau familial, avait congédié au cimetière la noire escorte. Puis, se renfermant, seul, avec l'ensevelie, entre les quatre murs de marbre, il avait tiré sur lui la porte de fer du mausolée. — De l'encens brûlait sur un trépied, devant le cercueil ; — une couronne lumineuse de lampes, au chevet de la jeune défunte, l'étoilait.

Lui, debout, songeur, avec l'unique sentiment d'une tendresse sans espérance, était demeuré là, tout le jour. Sur les six heures, au crépuscule, il était sorti du lieu sacré. En renfermant le sépulcre, il avait arraché de la serrure la clef d'argent, et, se haussant sur la dernière marche du seuil, il l'avait jetée doucement dans l'intérieur du tombeau. Il l'avait lancée sur les dalles intérieures par le trèfle qui surmontait le portail. — Pourquoi ceci?... À coup sûr d'après quelque résolution mystérieuse de ne plus revenir.

Et maintenant il revoyait la chambre veuve.

La croisée, sous les vastes draperies de cachemire mauve broché d'or, était ouverte : un dernier rayon du soir illuminait, dans un cadre de bois ancien, le grand portrait de la trépassée. Le comte regarda, autour de lui, la robe jetée, la veille, sur un fauteuil ; sur la cheminée, les bijoux, le collier de perles, l'éventail à demi fermé, les lourds flacons de parfums qu'*Elle* ne respirerait plus. Sur le lit d'ébène aux colonnes tordues, resté défait, auprès de l'oreiller où la place de la tête adorée et divine était visible encore au milieu des dentelles, il aperçut le mouchoir rougi de gouttes de sang où sa jeune âme avait battu de l'aile un instant ; le piano ouvert, supportant une mélodie inachevée à jamais ; les fleurs indiennes cueillies par elle, dans la serre, et qui se mouraient dans de vieux vases de Saxe ; et, au pied du lit, sur une fourrure noire, les petites mules de velours oriental, sur lesquelles une devise rieuse de Véra brillait, brodée en perles : *Qui verra Véra l'aimera*. Les pieds nus de la bien-aimée y jouaient hier matin, baisés, à chaque pas, par le duvet des cygnes ! — Et là, là, dans l'ombre, la pendule, dont il avait brisé le ressort pour qu'elle ne sonnât plus d'autres heures.

Ainsi elle était partie !... *Où* donc !... Vivre maintenant ? — Pour quoi faire ?... C'était impossible, absurde.

Et le comte s'abîmait en des pensées inconnues.



Il songeait à toute l'existence passée. — Six mois s'étaient écoulés depuis ce mariage. N'était-ce pas à l'étranger, au bal d'une ambassade qu'il l'avait vue pour la première fois ?... Oui. Cet instant ressuscitait devant ses yeux, très distinct. Elle lui apparaissait là, radieuse. Ce soir-là, leurs regards s'étaient rencontrés. Ils s'étaient reconnus, intimement, de pareille nature, et devant s'aimer à jamais.

Les propos décevants, les sourires qui observent, les insinuations, toutes les difficultés que suscite le monde pour retarder l'inévitable félicité de ceux qui s'appartiennent, s'étaient évanouis devant la tranquille certitude qu'ils eurent, à l'instant même, l'un de l'autre.

Véra, lassée des fadeurs cérémonieuses de son entourage, était venue vers lui dès la première circonstance contrariante, simplifiant ainsi, d'auguste façon, les démarches banales où se perd le temps précieux de la vie.

Oh ! comme, aux premières paroles, les vaines appréciations des indifférents à leur égard leur semblèrent une volée d'oiseaux de nuit rentrant dans les ténèbres ! Quel sourire ils échangèrent ! Quel ineffable embrassement !

Cependant leur nature était des plus étranges, en vérité ! — C'étaient deux êtres doués de sens merveilleux, mais exclusivement terrestres. Les sensations se prolongeaient en eux avec une intensité inquiétante. Ils s'y oubliaient eux-mêmes à force de les éprouver. Par contre, certaines idées, celles de l'âme, par exemple, de l'Infini, *de Dieu même*, étaient comme voilées à leur entendement. La foi d'un grand nombre de vivants aux choses surnaturelles n'était pour eux qu'un sujet de vagues étonnements : lettre close dont ils ne se préoccupaient pas, n'ayant pas qualité pour condamner ou justifier. — Aussi, reconnaissant bien que le monde leur était étranger, ils s'étaient isolés, aussitôt leur union, dans ce vieux et sombre hôtel, où l'épaisseur des jardins amortissait les bruits du dehors.

Là, les deux amants s'ensevelirent dans l'océan de ces joies languides et perverses où l'esprit se mêle à la chair mystérieuse ! Ils épuisèrent la violence des désirs, les frémissements et les tendresses éperdues. Ils devinrent le battement de l'être l'un de l'autre. En eux, l'esprit pénétrait si bien le corps, que leurs formes leur semblaient intellectuelles, et que les baisers, mailles brûlantes, les enchaînaient dans une fusion idéale. Long éblouissement ! Tout à coup, le charme se rompait ; l'accident terrible les désunissait ; leurs bras s'étaient désenlacés. Quelle ombre lui



avait pris sa chère morte ? Morte ! non. Est-ce que l'âme des violoncelles est emportée dans le cri d'une corde qui se brise ?

Les heures passèrent.

Il regardait, par la croisée, la nuit qui s'avavançait dans les cieux : et la Nuit lui apparaissait *personnelle* ; — elle lui semblait une reine marchant, avec mélancolie, dans l'exil, et l'agrafe de diamant de sa tunique de deuil, Vénus, seule, brillait, au-dessus des arbres, perdue au fond de l'azur.

— C'est Véra, pensa-t-il.

À ce nom, prononcé tout bas, il tressaillit en homme qui s'éveille ; puis, se dressant, regarda autour de lui.

Les objets, dans la chambre, étaient maintenant éclairés par une lueur jusqu'alors imprécise, celle d'une veilleuse, bleuisant les ténèbres, et que la nuit, montée au firmament, faisait apparaître ici comme une autre étoile. C'était la veilleuse, aux senteurs d'encens, d'une iconostase, reliquaire familial de Véra. Le triptyque, d'un vieux bois précieux, était suspendu, par sa sparterie russe, entre la glace et le tableau. Un reflet des ors de l'intérieur tombait, vacillant, sur le collier, parmi les bijoux de la cheminée.

Le plein-nimbe de la Madone en habits de ciel, brillait, rosacé de la croix byzantine dont les fins et rouges linéaments, fondus dans le reflet, ombrèrent d'une teinte de sang l'orient ainsi allumé des perles. Depuis l'enfance, Véra plaignait, de ses grands yeux, le visage maternel et si pur de l'héritaire madone, et, de sa nature, hélas ! ne pouvant lui consacrer qu'un *superstitieux* amour, le lui offrait parfois, naïve, pensivement, lorsqu'elle passait devant la veilleuse.

Le comte, à cette vue, touché de rappels douloureux jusqu'au plus secret de l'âme, se dressa, souffla vite la lueur sainte, et, à tâtons, dans l'ombre, étendant la main vers une torsade, sonna.

Un serviteur parut : c'était un vieillard vêtu de noir ; il tenait une lampe, qu'il posa devant le portrait de la comtesse. Lorsqu'il se retourna, ce fut avec un frisson de superstitieuse terreur qu'il vit son maître debout et souriant comme si rien ne se fût passé.

— Raymond, dit tranquillement le comte, *ce soir, nous sommes accablés de fatigue, la comtesse et moi* ; tu serviras le souper vers dix heures. — À propos, nous



avons résolu de nous isoler davantage, ici, dès demain. Aucun de mes serviteurs, hors toi, ne doit passer la nuit dans l'hôtel. Tu leur remettras les gages de trois années, et qu'ils se retirent. — Puis, tu fermeras la barre du portail ; tu allumeras les flambeaux en bas, dans la salle à manger ; tu nous suffiras. — Nous ne recevrons personne à l'avenir.

Le vieillard tremblait et le regardait attentivement.

Le comte alluma un cigare et descendit aux jardins.

Le serviteur pensa d'abord que la douleur trop lourde, trop désespérée, avait égaré l'esprit de son maître. Il le connaissait depuis l'enfance ; il comprit, à l'instant, que le heurt d'un réveil trop soudain pouvait être fatal à ce somnambule. Son devoir, d'abord, était le respect d'un tel secret.

Il baissa la tête. Une complicité dévouée à ce religieux rêve ? Obéir ?... Continuer de *les* servir sans tenir compte de la Mort ? — Quelle étrange idée !... Tiendrait-elle une nuit ?... Demain, demain, hélas !... Ah ! qui savait ?... Peut-être !... — Projet sacré, après tout ! — De quel droit réfléchissait-il ?...

Il sortit de la chambre, exécuta les ordres à la lettre et, le soir même, l'insolite existence commença.

Il s'agissait de créer un mirage terrible.

La gêne des premiers jours s'effaça vite. Raymond, d'abord avec stupeur, puis par une sorte de déférence et de tendresse, s'était ingénié si bien à être naturel, que trois semaines ne s'étaient pas écoulées qu'il se sentit, par moments, presque dupe lui-même de sa bonne volonté. L'arrière-pensée pâlisait ! Parfois, éprouvant une sorte de vertige, il eut besoin de se dire que la comtesse était positivement défunte. Il se prenait à ce jeu funèbre et oubliait à chaque instant la réalité. Bientôt il lui fallut plus d'une réflexion pour se convaincre et se ressaisir. Il vit bien qu'il finirait par s'abandonner tout entier au magnétisme effrayant dont le comte pénétrait peu à peu l'atmosphère autour d'eux. Il avait peur, une peur indécise, douce.

D'Athol, en effet, vivait absolument dans l'inconscience de la mort de sa bien-aimée ! Il ne pouvait que la trouver toujours présente, tant la forme de la jeune femme était mêlée à la sienne. Tantôt, sur un banc du jardin, les jours de soleil, il lisait, à haute voix, les poésies qu'elle aimait ; tantôt, le soir, auprès du feu,



les deux tasses de thé sur un guéridon, il causait avec l'*Illusion* souriante, assise, à ses yeux, sur l'autre fauteuil.

Les jours, les nuits, les semaines s'envolèrent. Ni l'un ni l'autre ne savait ce qu'ils accomplissaient. Et des phénomènes singuliers se passaient maintenant, où il devenait difficile de distinguer le point où l'imaginaire et le réel étaient identiques. Une présence flottait dans l'air : une forme s'efforçait de disparaître, de se tramer sur l'espace devenu indéfinissable.

D'Athol vivait double, en illuminé. Un visage doux et pâle, entrevu comme l'éclair, entre deux clins d'yeux ; un faible accord frappé au piano, tout à coup ; un baiser qui lui fermait la bouche au moment où il allait parler, des affinités de pensées *féminines* qui s'éveillaient en lui en réponse à ce qu'il disait, un dédoublement de lui-même tel, qu'il sentait, comme en un brouillard fluide, le parfum vertigineusement doux de sa bien-aimée auprès de lui, et, la nuit, entre la veille et le sommeil, des paroles entendues très bas : tout l'avertissait. C'était une négation de la Mort élevée, enfin, à une puissance inconnue !

Une fois, d'Athol la sentit et la vit si bien auprès de lui, qu'il la prit dans ses bras : mais ce mouvement la dissipa.

— Enfant ! murmura-t-il en souriant.

Et il se rendormit comme un amant boudé par sa maîtresse rieuse et ensommeillée.

Le jour de sa fête, il plaça, par plaisanterie, une immortelle dans le bouquet qu'il jeta sur l'oreiller de Véra.

— Puisqu'elle se croit morte, dit-il.

Grâce à la profonde et toute-puissante volonté de M. d'Athol, qui, à force d'amour, forgeait la vie et la présence de sa femme dans l'hôtel solitaire, cette existence avait fini par devenir d'un charme sombre et persuadeur. — Raymond, lui-même, n'éprouvait plus aucune épouvante, s'étant graduellement habitué à ces impressions.

Une robe de velours noir aperçue au détour d'une allée ; une voix rieuse qui l'appelait dans le salon ; un coup de sonnette le matin, à son réveil, comme autrefois ; tout cela lui était devenu familier : on eût dit que la morte jouait à l'invisible, comme une enfant. Elle se sentait aimée tellement ! C'était bien *naturel*.



Une année s'était écoulée.

Le soir de l'Anniversaire, le comte, assis auprès du feu, dans la chambre de Véra, venait de lui lire un fabliau florentin : *Callimaque*. Il ferma le livre ; puis en se servant du thé :

— *Douschka*, dit-il, te souviens-tu de la Vallée-des-Roses, des bords de la Lahn, du château des Quatre-Tours ?... Cette histoire te les a rappelés, n'est-ce pas ?

Il se leva, et, dans la glace bleuâtre, il se vit plus pâle qu'à l'ordinaire. Il prit un bracelet de perles dans une coupe et regarda les perles attentivement. Véra ne les avait-elle pas ôtées de son bras, tout à l'heure, avant de se dévêtir ? Les perles étaient encore tièdes et leur orient plus adouci, comme par la chaleur de sa chair. Et l'opale de ce collier sibérien, qui aimait aussi le beau sein de Véra jusqu'à pâlir, maladivement, dans son treillis d'or, lorsque la jeune femme l'oubliait pendant quelque temps ! Autrefois, la comtesse aimait pour cela cette pierrerie fidèle !... Ce soir l'opale brillait comme si elle venait d'être quittée et comme si le magnétisme exquis de la belle morte la pénétrait encore. En reposant le collier et la pierre précieuse, le comte toucha par hasard le mouchoir de batiste dont les gouttes de sang étaient humides et rouges comme des œillets sur de la neige !... Là, sur le piano, qui donc avait tourné la page finale de la mélodie d'autrefois ? Quoi ! la veilleuse sacrée s'était rallumée, dans le reliquaire ! Oui, sa flamme dorée éclairait mystiquement le visage, aux yeux fermés, de la Madone ! Et ces fleurs orientales, nouvellement cueillies, qui s'épanouissaient là, dans les vieux vases de Saxe, quelle main venait de les y placer ? La chambre semblait joyeuse et douée de vie, d'une façon plus significative et plus intense que d'habitude. Mais rien ne pouvait surprendre le comte ! Cela lui semblait tellement normal, qu'il ne fit même pas attention que l'heure sonnait à cette pendule arrêtée depuis une année.

Ce soir-là, cependant, on eût dit que, du fond des ténèbres, la comtesse Véra s'efforçait adorablement de revenir dans cette chambre tout embaumée d'elle ! Elle y avait laissé tant de sa personne ! Tout ce qui avait constitué son existence l'y attirait. Son charme y flottait ; les longues violences faites par la volonté passionnée de son époux y devaient avoir desserré les vagues liens de l'Invisible autour d'elle !...

Elle y était *nécessitée*. Tout ce qu'elle aimait, c'était là.



Elle devait avoir envie de venir se sourire encore en cette glace mystérieuse où elle avait tant de fois admiré son lilial visage ! La douce morte, là-bas, avait tressailli, certes, dans ses violettes, sous les lampes éteintes ; la divine morte avait frémi, dans le caveau, toute seule, en regardant la clef d'argent jetée sur les dalles. Elle voulait s'en venir vers lui, aussi ! Et sa volonté se perdait dans l'idée de l'encens et d'isolement. La Mort n'est une circonstance définitive que pour ceux qui espèrent des cieux ; mais la Mort, et les Cieux, et la Vie, pour elle, n'était-ce pas leur embrassement ? Et le baiser solitaire de son époux attirait ses lèvres, dans l'ombre. Et le son passé des mélodies, les paroles enivrées de jadis, les étoffes qui couvraient son corps et en gardaient le parfum, ces pierreries magiques qui la *voulaient*, dans leur obscure sympathie, — et surtout l'immense et absolue impression de sa présence, opinion partagée à la fin par les choses elles-mêmes, tout l'appelait là, l'attirait là depuis si longtemps, et si insensiblement, que, guérie enfin de la dormante Mort, il ne manquait plus qu'*Elle seule !*

Ah ! les Idées sont des êtres vivants !... Le comte avait creusé dans l'air la forme de son amour, et il fallait bien que ce vide fût comblé par le seul être qui lui était homogène, autrement l'Univers aurait croulé. L'impression passa, en ce moment, définitive, simple, absolue, qu'*Elle devait être là, dans la chambre !* Il en était aussi tranquillement certain que de sa propre existence, et toutes les choses, autour de lui, étaient saturées de cette conviction. On l'y voyait ! Et, *comme il ne manquait plus que Véra elle-même*, tangible, extérieure, *il fallut bien qu'elle s'y trouvât* et que le grand Songe de la Vie et de la Mort entr'ouvrît un moment ses portes infinies ! Le chemin de résurrection était envoyé par la foi jusqu'à elle ! Un frais éclat de rire musical éclaira de sa joie le lit nuptial ; le comte se retourna. Et là, devant ses yeux, faite de volonté et de souvenir, accoudée, fluide, sur l'oreiller de dentelles, sa main soutenant ses lourds cheveux noirs, sa bouche délicieusement entr'ouverte en un sourire tout emparadisé de voluptés, belle à en mourir, enfin ! la comtesse Véra le regardait un peu endormie encore.

— Roger !... dit-elle d'une voix lointaine.

Il vint auprès d'elle. Leurs lèvres s'unirent dans une joie divine, — oublieuse, — immortelle !

Et ils s'aperçurent, *alors*, qu'ils n'étaient, réellement, qu'*un seul être*.



Les heures effleurèrent d'un vol étranger cette extase où se mêlaient, pour la première fois, la terre et le ciel.

Tout à coup, le comte d'Athol tressaillit, comme frappé d'une réminiscence fatale.

— Ah ! maintenant, je me rappelle !... dit-il. Qu'ai-je donc ? — Mais tu es morte !

À l'instant même, à cette parole, la mystique veilleuse de l'iconostase s'éteignit. Le pâle petit jour du matin, — d'un matin banal, grisâtre et pluvieux, — filtra dans la chambre par les interstices des rideaux. Les bougies blémirent et s'éteignirent, laissant fumer âcrement leurs mèches rouges ; le feu disparut sous une couche de cendres tièdes ; les fleurs se fanèrent et se desséchèrent en quelques moments ; le balancier de la pendule reprit graduellement son immobilité. La *certitude* de tous les objets s'envola subitement. L'opale, morte, ne brillait plus ; les taches de sang s'étaient fanées aussi, sur la batiste, auprès d'elle ; et s'effaçant entre les bras désespérés qui voulaient en vain l'étreindre encore, l'ardente et blanche vision rentra dans l'air et s'y perdit. Un faible soupir d'adieu, distinct, lointain, parvint jusqu'à l'âme de Roger. Le comte se dressa ; il venait de s'apercevoir qu'il était seul. Son rêve venait de se dissoudre d'un seul coup ; il avait brisé le magnétique fil de sa trame radieuse avec une seule parole. L'atmosphère était, maintenant, celle des défunts.

Comme ces larmes de verre, agrégées illogiquement, et cependant si solides qu'un coup de maillet sur leur partie épaisse ne les briserait pas, mais qui tombent en une subite et impalpable poussière si l'on en casse l'extrémité plus fine que la pointe d'une aiguille, tout s'était évanoui.

— Oh ! murmura-t-il, c'est donc fini ! — Perdue !... Toute seule ! — Quelle est la route, maintenant, pour parvenir jusqu'à toi ? Indique-moi le chemin qui peut me conduire vers toi !...

Soudain, comme une réponse, un objet brillant tomba du lit nuptial, sur la noire fourrure, avec un bruit métallique : un rayon de l'affreux jour terrestre l'éclaira !... L'abandonné se baissa, le saisit, et un sourire sublime illumina son visage en reconnaissant cet objet : c'était la clef du tombeau.



Biographie de l'auteur

Philippe-Auguste-Mathias, comte de **Villiers de L'Isle-Adam**, naquit le 7 novembre 1838 à Saint-Brieuc, dans une famille ancienne et noble, mais appauvrie. Vivant à Paris depuis 1855, aux prises avec une misère toujours croissante, il se vit repoussé par plusieurs femmes qu'il voulait épouser. Ses activités littéraires n'eurent pas de succès non plus : même lié d'amitié avec Mallarmé, Alexandre Dumas fils, Huysmans et d'autres écrivains de renom, Villiers ne fut jamais reconnu comme leur pair. Totalement ruiné et atteint d'un cancer, il décéda, le 18 août 1889, à l'hôpital parisien des Frères Saint-Jean-de-Dieu. Aujourd'hui, ses écrits majeurs (*Contes cruels*, *Histoires insolites* et *Nouveaux contes cruels* ; romans *L'Amour suprême* et *L'Ève future* ; drame en prose *Axël*) sont considérés comme de vrais chefs-d'œuvre de la littérature française et universelle.

Contes cruels

Le recueil intitulé *Contes cruels* se compose de 27 récits plus ou moins longs, contenant aussi un texte écrit en vers, et a pour thème la bizarre « cruauté » de la vie humaine. Publié en 1883, il ne couvrit son auteur de gloire ni ne lui apporta de gains. Et pourtant *Véra*, un des *Contes cruels* les plus lus, se place de nos jours parmi les œuvres classiques, autrefois méconnues, qu'on ne cessera jamais de lire. Cette histoire gothique a déjà été traduite en différentes langues et portée à l'écran, en 1966, par le réalisateur français Francis Morane.

Recebida em: 04/03/2018

Aceita em: 12/03/2018

Publicada em junho de 2018